

ANÁLISE DE FILME

A verdade sobre o cidadão Boilensen

Nildo Viana³⁶

O presente artigo visa discutir o documentário “Cidadão Boilensen” (Chaim Litewski, Brasil, 2009) que conta a vida e o envolvimento com o regime ditatorial do empresário Henning Albert Boilensen, presidente do grupo Ultra (Ultragaz). O nosso objetivo é analisar o documentário e ver a versão apresentada sobre um importante capítulo da história brasileira e a participação de um empresário nesse processo. Para tanto, iniciaremos com uma discussão introdutória sobre os conceitos e bases metodológicas que utilizaremos na nossa análise e posteriormente analisaremos o documentário em questão.

1. Noções Introdutórias

O primeiro ponto que gostaríamos de descartar é que, para nós, o documentário não é um filme, um gênero deste, como consta em locadoras e lojas de DVD. Um filme é, tal como colocamos em outro lugar (Viana, 2012), uma produção coletiva (realizada pela equipe de produção) que possui um caráter ficcional, constitui um universo ficcional, que repassa uma mensagem (valores, concepções, sentimentos, etc.) através do uso de meios tecnológicos de reprodução que produzem imagens, diálogos, acontecimentos, que possibilitam a montagem. Assim, o filme é uma expressão figurativa da realidade, ou seja, uma obra de arte (Viana, 2007). Ele constitui um universo ficcional que expressa a realidade, mas sob a forma figurada, como toda obra de arte. Contudo, faz isso de forma específica, através da montagem que permite trabalhar com imagens, acontecimentos, diálogos, etc. e, inclusive, podendo inserir outras formas de arte no seu interior (tal como a música, a pintura, o teatro, etc.).

O documentário, por sua vez, usa os mesmos recursos tecnológicos de um filme, mas não produz nenhum universo ficcional. Ele é uma forma de narrativa imagética que busca descrever ou explicar a realidade através do uso de diversos documentos. Assim, um filme é uma ficção e um documentário é não ficcional. Segundo Ramos, o “documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um

³⁶ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor Adjunto II da Universidade Federal de Goiás.

espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo” (Ramos, 2008, p. 22). Com uma posição semelhante à nossa, ele afirma que “[...] ”ao contrário da ficção, o documentário estabelece asserções ou proposições sobre o mundo histórico” (Ramos, 2008, p. 22).

Assim, o filme é uma obra de arte, expressão figurativa da realidade, que cria um universo ficcional, uma realidade fictícia paralela e o documentário é uma apresentação, sob a forma de narrativa imagética, de um conjunto de documentos (entrevistas, fotos, etc.) que buscam esclarecer (descrevendo ou explicando) um aspecto da realidade, um fenômeno social, um acontecimento histórico, etc. Em síntese, o filme está para a arte assim como o documentário está para o jornalismo.

Nesse sentido, todo documentário possui a pretensão/busca da verdade. Os documentos apresentados são para mostrar ou descrever uma realidade ou então para explicá-la e provocar uma compreensão da mesma. Desta forma, podemos dizer que existem dois tipos de documentários³⁷: o descritivo e o explicativo. O descritivo é aquele que busca realizar uma descrição sem inserir elementos explicativos ou conclusivos, demonstrando uma suposta “neutralidade”. Toda descrição seleciona um aspecto da realidade e o faz sob determinada forma, determinada perspectiva de quem (ou daqueles que) o produz e, por conseguinte, não existe neutralidade e nem “descrição pura”, pois sempre há seleção, ênfase, foco, concepção pré-estabelecida mesmo que não explicitada claramente, etc. Esse tipo geralmente segue a ordem dos acontecimentos, da biografia, das informações encontradas, etc. Este é o caso do documentário *O Cidadão Boilensen*. O tipo explicativo é aquele que busca explicar a realidade, explicitando sua posição diante dela e indo além da descrição. Ele problematiza e apresenta as motivações/determinações do fenômeno. Este é o caso, por exemplo, dos documentários de Michael Moore e *Quem matou o carro elétrico?* (Chris Paine, EUA, 2006).

A partir dessas noções introdutórias podemos avançar e passar para a discussão do documentário (portanto, obra não-ficcional, e isto promove um processo analítico diferente do que o caso de um filme) *O Cidadão Boilensen*.

2. Cidadão Boilensen: Aquém da Verdade

Cidadão Boilensen é um documentário descritivo que mostra a vida do empresário Henning Albert Boilensen e seu envolvimento com a ditadura, inclusive com a tortura. No início o filme mostra sua infância e origem humilde. Nessa parte, aparecem afirmações contraditórias

³⁷ Existem outras tipologias do documentário, mas esta é a que adotamos.

sobre sua vida e escolaridade. A sua suposta inteligência e notas altas segundo informações de familiares entra em contraste com os documentos de sua escola durante sua infância. O documentário mostra também sua “face humana”: ele era um “bom menino” e o caso que a mãe conta sobre ele ter doado um casaco para pessoa pobre confirma isto) e também era idealista, segundo um depoimento de uma amiga.

Da mesma forma, o documentário mostra também seu “lado obscuro”, cruel. Isso é observado através do seu gosto pela tortura e sua ligação com esquadrão da morte. A sua presença constante em sessões de tortura e sua participação, que era desnecessária, mostra a sua “face desumana”.

Esse aspecto do documentário precisa ser melhor compreendido. O documentário, assim como um filme, é um produto social e histórico e possui seres humanos reais e concretos que o produz. O documentário sobre Boilensen teve como diretor e grande arquiteto Chaim Litewski, formado em cinema e que atua na área de televisão. Por conseguinte, não se trata de um pesquisador do regime militar, não tem formação em sociologia, história, etc. Isso tem ressonância no documentário, pois ele demonstra, em sua construção narrativa, uma certa ingenuidade e desconhecimento de produções das ciências humanas sobre o acontecimento histórico que foi a ditadura militar, entre outras limitações.

Isso se manifesta nessa questão da apresentação da face humana e da face desumana de Boilensen. Essa dubiedade revela uma ingenuidade do diretor do documentário, pois apresenta os depoimentos como se fossem igualmente válidos. É necessário saber quem são os depoentes, quais suas relações e vínculos com Boilensen, etc. É facilmente perceptível que o discurso favorável é o dos familiares e dos militares, principalmente e o discurso contrário é o dos torturados, dissidentes, etc. Assim como os familiares mentiram a respeito de suas notas (segundo Helga Mohr, arquivista do arquivo municipal de sua cidade natal, o que consta nos arquivos é que as suas notas eram “abaixo da média”), obviamente que em outros casos, e mais importantes, dizer a verdade não era a intenção desses depoentes.

A suposta explicação de sua “bondade” e seu “sadismo” é fundada em fontes inadequadas. A suposta bondade de sua infância é questionável e seu caráter “amigável” não diz nada (tal como no caso de Hitler), bem como as fontes não são confiáveis. O fato de ser criador da CIEE (Centro de Integração Empresa Escola, empresa responsável por contratos de estágio), também não lhe garante nenhuma “bondade”, mesmo porque seria necessário analisar mais profundamente a CIEE, o seu papel e o significado do “estágio” enquanto forma de uso de força de trabalho barata. Para analisar a personalidade de Boilensen seria necessário a realização de

entrevistas com psicanalistas e outros, no sentido de proporcionar uma análise mais profunda do indivíduo.

O mais interessante no documentário, no entanto, é a ligação entre classe capitalista e regime ditatorial. O Grupo Ultragaz financiou a OBAN – Operação Bandeirantes, que era um centro de informações e investigação do exército brasileiro, cujo objetivo era coordenar e integrar as ações dos órgãos de combate às forças resistentes e organizações armadas de esquerda pelo regime ditatorial. Contudo, não foi apenas a Ultragaz que financiou a OBAN, como consta do documentário, pois o capital transnacional também participou de tal financiamento, tal como a Ford, General Motors e outras empresas nacionais (Arquidiocese de São Paulo, 1985; Gaspari, 2002; Souza, 2000). A ligação da Ultragaz com a Petrobrás, por exemplo, mostra o vínculo entre Estado e capital.

A articulação entre militares e capitalistas também é apresentada. Contudo, a afirmação do principal beneficiado como o regime militar foi o “empresariado paulista” é um equívoco, pois, no fundo, outros setores do capital nacional e, principalmente, o capital transnacional foram beneficiados com o regime (e o financiamento da OBAN confirma isto). Claro que o documentarista e sua equipe não têm os necessários conhecimentos e nem domínio sobre a produção das ciências humanas e por isso cai na propaganda do próprio regime segundo a qual a razão para o golpe foi a ameaça de formação de uma “república sindicalista” no Brasil, a ameaça comunista, etc. No fundo, a razão para o golpe remete ao processo de queda da taxa de lucro nos países imperialistas e na necessidade de aumentar a exploração internacional e no Brasil. O forte movimento grevista do final dos anos 1950 até meados da década de 1960 como obstáculo para aumentar a exploração no Brasil e por isso era necessário enfraquecê-lo (Viana, 2005).

A desarticulação do movimento operário possibilitaria aumentar a exploração, o que é difícil diante de movimentos grevistas e reivindicações de melhorias. O que se sucedeu depois do golpe reforça isso, pois o aumento da exploração dos trabalhadores no Brasil foi visível. O bloco reformista e João Goulart eram relativamente fracos e não tinha força para resistir. Determinadas forças políticas (partidos), setores da classe trabalhadora, setores do movimento estudantil, setores da intelectualidade, etc. também não tinha força suficiente para resistir ao golpe e a estratégia utilizada foi equivocada na maioria dos casos (luta armada). Neste contexto, havia uma ascensão do bloco conservador, conjunto de forças: capitalistas, setores da imprensa, setores da intelectualidade, da burocracia estatal, partidos políticos conservadores (burgueses), etc. que convivia com a inexistência de um bloco revolucionário, pois a desarticulação do movimento grevista anterior promoveu o refluxo de sua base e determinação fundamental (Viana, 2005).

Da mesma forma, a ideia repassada pelo documentário de que a construção do golpe foi realizada pelos militares e somente depois contou com o dos capitalistas também é equivocada. O que realmente ocorreu foi que o capital (transnacional e nacional) aglutinou e formou um bloco conservador e que se organizou em torno do centro mais reacionário e das forças mais direitistas, incluindo o exército. Nesse sentido, a afirmação de que o apoio dos empresários à OBAN “solidarizou” empresários e militares, como diz Fernando Henrique Cardoso em sua entrevista, não corresponde ao que ocorreu efetivamente. No fundo, o capital deu um apoio direto (financeiro e político) que era apenas resultado de uma “solidariedade” anteriormente existente, afinal o golpe não surgiu da cabeça dos militares e sim das necessidades da acumulação capitalista mundial.

Em síntese, se o objetivo de um documentário é apresentar um conjunto de documentos para esclarecer determinado aspecto da realidade, então *O Cidadão Boilensen* acabou sofrendo diversas limitações. Isso, em parte, foi devido ao fato da pesquisa realizada para sua composição e sua posterior edição centrar num personagem e deixar de lado a percepção do conjunto e não aprofundar nisso (graças ao fato da equipe de produção não ter formação teórica) e também devido ao fato da perspectiva de quem o produziu ter limites e não ultrapassar um humanismo abstrato e ambíguo³⁸.

3. Considerações Finais

O documentário *O Cidadão Boilensen* apresenta um conjunto de documentos interessantes sobre a ditadura militar e a relação de H. Boilensen com este regime. Apesar de seus limites, apresentados anteriormente, o documentário traz vários elementos para sua própria superação, desde que haja uma assistência crítica. Uma abordagem sociológica do filme pode extrair as informações e documentos apresentados e a partir da comparação com a realidade e pesquisas sobre este momento histórico, permite avançar na compreensão do fenômeno histórico e da participação de Boilensen nesse processo. Nesse sentido, uma percepção crítica do documentário ajuda a realização da superação dos seus limites, tal como, por exemplo, a análise

³⁸ A palavra humanismo possui os mais variados significados desde a Renascença. Aqui significa uma concepção que parte do ser humano como valor fundamental e ao qual se relaciona todos os demais valores fundamentais do indivíduo que pode ser considerado “humanista”. Contudo, esse humanismo pode assumir diversas formas, sendo que o humanismo concreto é aquele que concebe o ser humano como histórico e social, envolvido em divisões sociais e que pode sofrer a deformação de sua natureza humana, de sua essência humana, tal como no pensamento de Marx (Viana, 2008). Esse é um humanismo de base teórica e, por isso, concreto. O que denominamos “humanismo abstrato” é a concepção que concebe o ser humano como valor fundamental, mas abstratamente, sem observar seu processo de manifestação concreta e histórica em cada época e de acordo com as divisões sociais.

do discurso apresentado no documentário. Desta forma, *O Cidadão Boilensen* é um documentário que abre espaço para discussões sociológicas, políticas, e reflexões sobre a realidade nacional e sobre o próprio documentário e seu papel na reconstituição de uma memória social não oficial.

4. Referências

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil nunca mais*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1985

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* São Paulo: Senac/SP, 2008.

SOUZA, Percival. *Autópsia do medo: Vida e morte do Delegado Sérgio Paranhos Fleury*. São Paulo: Globo, 2000.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística*. Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte. Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____, Nildo. Acumulação Capitalista e Golpe de 1964. *Revista História & Luta de Classes*, Rio de Janeiro, v. 01, n.01, 2005.

_____, Nildo. *Cinema e Mensagem*. Análise e Assimilação. Porto Alegre: Asterisco, 2012.

_____, Nildo. *O Fim do Marxismo e outros ensaios*. São Paulo: Giz Editorial, 2008.